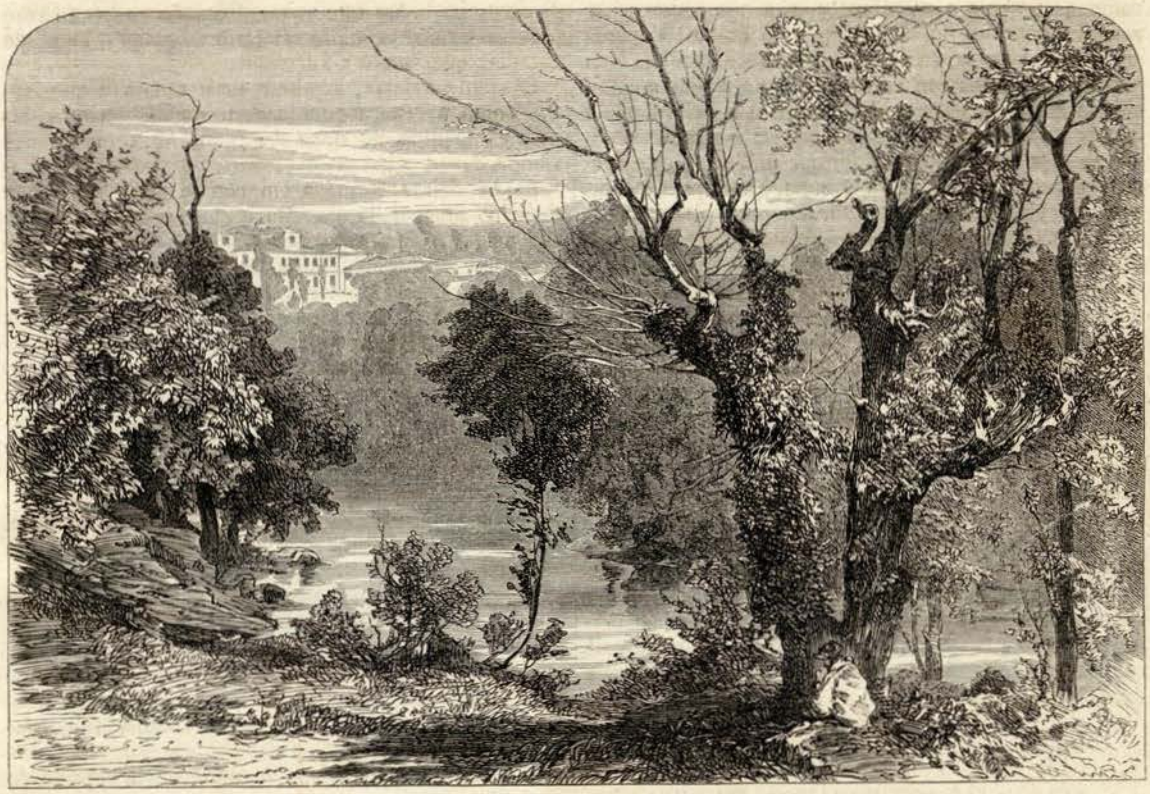


Margens do rio Vizella [1]

Triste condição é a d'aquelles que desprezam os bens que possuem e appetecem os que Deus concede aos outros. Infelizmente, são muitos os casos em que nós, os portuguezes, nos achâmos n'essa tristissima condição.

Pois não é digno de reparo, e até de lastima, que, desconhecendo ou desprezando as bellezas naturaes com que o Creador dotou esta nossa terra, vamos a paizes estranhos enlevarmo-nos, extasiarmo-nos diante de paizagens, bellas sem dúvida, mas que, não raras vezes, são vencidas em amenidade e formosura pelas que temos entre nós?

Não se presuma que pretendemos censurar o amor das viagens. Pelo contrario, achâmos louvavel o desejo de procurar instruir o espirito nos variados costumes e progressos dos povos que nos levam dianteira no caminho da civilisação, e recrear os olhos nos quadros variadissimos que a natureza creou nos diversos paizes, e que ornou com mais esmero e magnificencia.

Mas ir ver e admirar o que ha lá por fóra do reino, em quanto se desconhece ou se despreza o que temos em a nossa patria digno de ser visto e admirado, é caso, certamente, pelo menos, para algum reparo, embora Portugal não offereça ainda aos que se propõem a viajar n'elle as commodidades e regalos que os viajantes encontram nos outros paizes.

Porém o que ainda é peior, e bastante censuravel, é que haja quem engrandeça e exalte o que viu em terra estranha, negando ao mesmo tempo, ou deprimindo o bem que possuimos, e que aos proprios estrangeiros causa enlevo.

Pois um paiz que encerra um jardim tão vasto e encantador, como é a provincia do Minho, e um paraiso terreal, como é a serrania de Cintra, tem alguma coisa a invejar aos outros paizes em assumptos de bellezas naturaes?

Falta-nos a arte, dirão, com que as nações mais cultas encaminham e auxiliam os esforços da natureza, variando tambem e abrilhantando as suas obras.

Mas quem poderá sentir a falta de arte onde a natureza se ostenta tão generosa e potente? Que mais podia fazer o genio do homem para aformosear os rios do Minho, especialmente o Vizella, que nos suggere estas considerações, se o Creador lhes cobriu as margens com uma alcatifa perennemente viçosa e florida; se as adornou com variadas especies de arvores, ora subindo em densos bosques por suaves encostas; ora elevando-se, engrinaldadas de heras, em pittorescos grupos nos logares mais baixos; aqui debruçando-se sobre fragas musgosas até beijar a corrente fugitiva; alli erguendo-se altivas e solitarias d'entre um massiço de plantas de pomposa vegetação, ou saíndo com porte esbelto do proprio seio do rio; se aguas que fez rolar sobre alvissimas areias e seixos multicôres são tão puras e cristallinas, que deixam ver distinctamente os peixes que as tem por morada; se ordenou, em fim, que n'esse limpido espelho se mirasse tanta variedade de aves gentis que povoam aquelles arvoredos, e se reflectissem com tanta formosura e esplendor o benigno ceo que nos cobre, e o sol radiante que faz florir em nossa terra tanta diversidade de plantas, oriundas das mais longinquas e oppostas regiões do globo?

Que importa que não se vejam vestigios da industria humana n'esses logares que a natureza fez tão deliciosos e encantadores; a natureza, que é a industria por excellencia, a sábia mestra de todas as artes, a propria arte exercida pela mão de Deus?

Attentae na gravura que orna o rosto d'este numero, e que é cópia fiel de uma photographia primorosa;

[1] Veja-se, ácerca do rio e aldeia de Vizella, o que dissemos a pag. 113 do vol. v.

attentae bem n'ella, e dizei se a arte dos homens poderia accrescentar formosura e graça n'aquelle painel, saído tão bello e gracioso das mãos da natureza? Vêde como as arvores e os arbustos, com tão pittoresca e artistica distribuição, fazem caixilho ao rio! Reparae como a hera trepa, se enrosca, guarnece e enfeita com sua lustrosa folhagem os troncos annosos que a caducidade despojou da rama! Olhae para aquella floresta que lá no fundo do quadro se aperta e condensa, como se fôra alli posta para formar um throno de verdura á casaria do logar de Vizella, que alveja e campeia por cima de suas copas frondosas, emmoldurada ainda por novos verdores!

Em fim, dae ás aguas a côr azul do ceo; ás arvores e plantas das margens os variados matizes com que a primavera opulenta e alegra os campos; animae toda esta paizagem com os gorgeios melodiosos dos rouxinoes e toutinegras, e com o incessante esvoaçar dos gaios e pica-peixes, dos melros e petos, das pôpas e pêgas, e de mil outras aves de plumagem garrida ou de fórmas esbeltas; e confessae que os olhos não podem ver scena alguma de mais belleza e amenidade, nem o supremo esforço da arte humana conseguiria produzir tão bella obra.

E não se pense que o rio Vizella ostenta n'este sitio as suas unicas pompas. Logo adiante varia a perspectiva, sem deixar de ser graciosissima; e quem for seguindo o curso do rio encontrará a cada passo novas paizagens, differentes entre si, e não menos ricas das galas e contrastes que mais realce dão aos quadros da natureza. I. de Vilhena Barbosa.

REAL ASYLO DOS INVALIDOS, EM RUNA

(Conclusão. Vid. pag. 398)

V

Foi em 1849 que os regulamentos feitos pela augusta princeza, e seguidos constantemente com o maximo rigor, soffreram bastantes alterações, bem que no fundo ficassem os mesmos.

O espirito religioso da augusta fundadora levou-a a transformar os asylados em uma congregação de frades, que tinham quasi de esquecer e abjurar o passado cheio de gloriosas recordações, para se entregarem ao ascetismo. Ainda hoje são sumptuosos e dignos todos os exercicios e actos religiosos, aos quaes parece presidir ainda o espirito evangelico da princeza.

Os veteranos condecorados e feridos nos campos de batalha tartamudeiam como podem, e com voz trémula e roufenha, as litanias e orações que aprenderam na infancia, nas arredadas aldeias em que nasceram.

É um espectaculo admiravel e cheio de uncção!

Aquelles rostos queimados pela polvora, aquellas cabeças povoadas de raras cãs, por sobre as quaes perpassou e esvoaçou o genio das batalhas, sem que ellas se curvassem, pendem agora sobre o peito, quando o sacerdote entôa a reza da noite.

Bastas vezes cada dia se congregam os veteranos para fazerem as orações.

As refeições são abundantes, e o regimen interno é exemplar.

Não faltam zelo e caridade para com os velhos asylados, que tem dois cirurgiões e um medico para os tratarem, e dois confessores, para lhes encommendarem a alma e ajudal-os a bem morrer, segundo as expressas prescripções da fundadora.

Bem que os vinculos da disciplina sejam algum tanto relaxados, como não podiam deixar de sel-o, ha comtudo o caracteristico militar e o aspecto marcial em tudo. A feição fradesca nunca pôde conquistar a proeminencia.

Não se compadece a indole d'este jornal com a analyse miuda do viver intimo, natureza e fins do asylo. Aquelles que quizerem colher amplas e bem coordenadas noticias sobre este assumpto, podem recorrer com proveito ao compendioso relatorio do general barão da Batalha, que já atraz foi citado.

Convem, todavia, lembrar mais uma vez que, assim como a França guarda os trophéos gloriosos das suas campanhas no *Hotel des invalides*, o mesmo deviamos fazer.

As bandeiras tomadas em campo de batalha, que estão no arsenal do exercito e em alguns templos, é mister que sejam confiadas á guarda dos que as arrancaram ás mãos dos inimigos. Crear uma galeria de quadros nas salas que foram habitação da augusta princeza, nos quaes se commemorassem os grandes feitos militares da historia patria, e bem assim se retratassem os heroes portuguezes, é lembrança assisada e patriotica. Na tribuna principal do templo ha uma bella sala onde as bandeiras podem ser dependuradas, e no interior do edificio existem casas de bastante ambito para comportarem petrechos de guerra pertencentes ao museu militar.

Por occasião da morte do chorado monarcha o sr. D. Pedro v abriu-se no exercito uma subscripção a fim de dotar o asylo.

Ninguem sabe onde pára essa subscripção, e bom seria que tivesse a applicação devida.

Hoje conta o asylo coisa de 80 asylados. Deve este numero ser augmentado, e póde sel-o, sem gravame para o thesouro, tanto que as idéas expendidas no referido relatorio sejam devidamente traduzidas em factos.

O edificio, com pequeno augmento, tem capacidade para 600 veteranos.

Se este numero fosse preenchido com os veteranos que estão no espirito e letra da lei, seria melhor cumprida a vontade da virtuosa princeza, ganhariam o estado e os asylados, e tornar-se-hia prospera e bemaventurada uma instituição que até hoje ainda não produziu os fructos que deve e póde produzir.

Oxalá não tarde o dia em que estas reflexões sejam tidas em conta, porque, mais uma vez convem que se diga, nada ha tão digno de encomios e louvores como o espirito de caridade evangelica em prol d'aquelles que derramaram o sangue pela patria, e lutaram com heroica e indefessa coragem pelo torrão natal. A. Osorio de Vasconcellos.

A ESCHOLA ALDEÃ

............Vos hæc facietis maxima Gallo;
Gallo, cujus amor tantum mihi crescit in horas,
Quantum vere novo viridis se subjicit alnus.
Virg.— Buc — Ecl. x.

Lá no fim do logar aquella casinhola
musgosa, negra e triste, olha, amigo, é a eschola;
é a eschola, inda não serena e restaurada.

O viandante que passa á beira d'essa estrada
ouve zumbir lá dentro a infancia, alegre abril
da nossa vida; e vê todo o rancho infantil
curvado no trabalho, o improbo trabalho
do primeiro aprender, estrada sem atalho,
soalheira, tortuosa, onde se exhaure e cança,
sem arvores, sem fonte, a impróvida criança.
Tarde lá chegarás, redempção.

Quando eu ia
passando alli por perto, a ingenua vozeria
da turba juvenil sempre attrahiu meus passos.
Hontem, vinha de longe; a calma, os membros lassos
trouxeram-me até alli. Dava a hora da entrada.

Sentei-me, para os ver, sob a verde latada
que sombreia os humbraes do pequenino templo,
que deve á infancia pobre o pão, o ensino, o exemplo.

Vinham vindo á formiga. Aquelles, demorados,
furtando ao muro velho a amora dos silvados;
os outros, co'o boné correndo os passaritos,
e atirando ao besoiro o sacco dos livritos;
est'outro, a assobiar. Aquelles dois ou tres
demonicos do ceo, nada escapa; o maltez,
atraz da cortininha, á vidraça da eschola,
saboreava o sol, namorando a gaiola,
que no torcido prego ao pé da trepadeira
pendurava ao ar livre a moça da trapeira.
Pois ao proprio maltez travêssa mão rechaça,
tocando-lhe, ao passar, tamboril na vidraça.

Iam entrando, entrei. Ao limiar, compõe
cada qual seu aspecto; entra solemne; põe
no cabide o barrete, e vae, submisso e mudo,
já sem nada de infancia, acantoar-se ao estudo;
saudado, já se sabe, o mestre, que suave
doira em vago sorriso a fronte oppressa e grave.

O mestre é um banido; um triste; um operario
da seara de Deus; um martyr sem sudario;
uma victima incauta apesinhada; um homem,
que a humildade e pobreza aviltam e consomem.

Vêde-me aquella fronte; a calva prematura
deu-lh'a o pensar, que não os annos; a estatura
verga a um peso ignoto; o olhar amortecido
bem mostra que lá dentro ha só tenue brazido,
onde era labareda; a vida solitaria
fez-lhe um modo acre e frio. O coração do pária
foi bom; hoje é egoista, e não crê. Não foi pae.
Já não ama; vegeta. Ignora onde assim vae
acossado do mundo; e, das cidades longe,
cumpre, amarrado ao poste, agra missão de monge.
É o monge sem a cruz.

O baloiçoso açoite
do torvo mar da vida arrojou-o uma noite
para esta praia muda, ilha feroz, deserta.
E alli vive sósinho; e a alma se lhe aperta
quando contempla o mar. Não commenta os destinos;
come pão negro, e ensina os pobres e os meninos.
Não os repulsa, não; tambem, não os attrae.
Não é velho, e tem cãs; tem filhos, sem ser pae.
Falla pouco, e lê muito um livro, que o prior
diz que é do impio sublime, o archanjo do pavor:
Voltaire. Mas se o segue, ao menos não o ensina,
e assimila em silencio a ironica doutrina.

Tal é o mestre. E a eschola?

A eschola é uma choça;
menos choça que as mais, porque é triste. É palhoça
o telhado. Galgou-lhe acima a trepadeira
mais util do quintal, a cheirosa hervilheira,
como a dizer, do throno a que subiu: — O futil
não adorne a choupana onde se alberga o util.—

Por dentro a eschola é sempre eschola: glacial.
Nua a parede; ao fundo um Christo sepulchral;
ardosia, bancos, mesa austera, tecto escuro.
Que ninho a bafejar os germens do futuro!

E a criançada?

Oh! essa alegre e toda vida,
lá fóra; aqui oppressa, inutil, abhorrida!
Lá fóra, oiço-os chilrar; aqui, zumbir. Lá fóra,
na luz de toda a crença inda os inunda a aurora;
e nem sonham, em quanto a face afogueada
lhes escorre o suor da festival jornada
té á porta da eschola, e a brisa lhes besoira
na harpa eolia subtil da farta grenha loira,
nem sonham que armadilha e visco traiçoeiro
lhes prepara o porvir, cruel passarinheiro!
Aqui, vejo-os sem luz, curvados a uma leira
onde não ha rabisco em paga da canceira!
Não sabem o que faz um mestre, quasi um argus,
em lhes dar o saber em sorvos tão amargos!
Não entendem por que ha de a mão que dá o ensino
arvorar sceptro assim, tão cru e tão ferino!
nem que o homem imponha a sciencia a ignorantinhos,
quando Deus tudo ensina ao sol, e entre carinhos!
nem porque ha de o silvedo estar-se a rir, e as hortas
co'as noras a cantar; e a cá d'aquellas portas
ha de aquella atmosphera ingrata asphyxiar
pulmões feitos por Deus para beber bom ar.

Lá fóra, Deus sorri; aqui, este homem torvo
grunhe. A carteira, a hora, o livro, é tudo estorvo.
O mestre opprime o alumno; esgota-lhe a memoria;
calca-lhe a intelligencia, e brande a palmatoria.

O banco é rude; a mesa é crua; é bruto o ensino!
oh! que ninho tão fero aos membros de um menino!
o livro é triste; o Christo é surdo; o ensino é duro!
oh! que barbaro ninho ás pombas do futuro!

N'aquelles corações, pela manhã cantava
um anjo, em quanto a mãe os vestia, os lavava,
lhes dava leite e pão, e os enviava ao mestre.
Agora, que elle os vê, co'o seu olhar alpestre,
que a lição machinal começou, que os perigos
crescem, como em tormenta, e os barbaros castigos
troam, ri no seu antro algum demonio algoz.

. . . .

É tempo de acabar a eschola assim. Quem poz
a carranca minaz na piscina das aguas?
quem misturou com o riso o soluçar das máguas?
quem foi sentar o algoz na cathedra do ensino?

. . . .

Quando saí d'alli, foi triste. Ao longe o sino
badalava solemne o santo meio-dia,
hora do descançar; co'a alegre vozeria
saem elles tambem. Vi-os longe. A gaiola
torce em fim os varões, e as victimas da eschola
lá vão beber cantando a liberdade e o ar
no campo, e á sombra farta onde os espera o lar.

Passava então por mim o alumno pobre, o neto
da viuva da ponte; o seu fatinho preto
dil-o orphão; vem a passo, a ladear o combro,
co'um quarto de pão negro, e uma sacola ao hombro.

E eu murmurei, ao ver sumir-se o alumno triste:
—«Fatal obcecação! a alegre eschola existe;
é nossa; é portugueza. Ahi se educam almas;
criam-se homens ahi. Bate a alegria palmas,
canta o jubilo, aprende a tenra intelligencia,
exulta o coração, amando a Providencia.
E porque é portugueza a punem co'o martyrio!
vilissimo não ver! tristissimo delirio!
E ha de sempre uma idéa, assim como a semente,
que á terra se dispõe, por que a terra a avivente,
germinar só na terra! e a triste da utopia,
para um dia viçar e frutear um dia,
precisa... (oh! Providencia! oh! lugubre mysterio!)
o silencio da campa! a sombra! o cemiterio!!...»—

Agosto de 1868.

JULIO DE CASTILHO.

ADÃO SMITH

(Conclusão. Vid. pag. 381)

V

Vamos concluir este esboço biographico, a cuja imperfeição accresceu a impossibilidade de lhe dar o desenvolvimento que seria necessario para mostrar, ainda que em resumida analyse, a immensa valia das obras que grangearam ao seu auctor um nome merecidamente respeitado na philosophia e na sciencia economica [1].

No que fica dito não será difficil ter encontrado os traços mais frisantes do caracter do illustre economista escocez. A vida de Adão Smith, sem lances extraordinarios, passada entre a familia e os livros, deslisando entre as affeições suaves do lar domestico e o prazer incorrupto que dá o estudo, quando se desentranha em beneficios para a humanidade e para a sciencia, é o espelho fiel da candidez e da pureza d'aquella alma, onde parece não haverem tido entrada senão os bons pensamentos.

Se á familia e ao estudo juntarmos a amizade, esse numen sympathico a que elle prestou sempre o mais sincero culto, teremos completo o estreito quadro em que se comprazia em desenvolver a sua actividade. Não importava isto o desprezo dos homens e do mundo, porque o seu coração abria-se facilmente a todos os sentimentos generosos, e enthusiasmavam-n'o as grandes idéas, que são o facho brilhante com que o progresso allumia o caminhar da humanidade. Era-lhe, porém, summamente agradavel o isolamento em que vivia, porque lhe permittia recolher-se a miude só com o seu pensamento; e este habito, que, como vimos, lhe vinha dé criança, não foi, por certo, destituido de importancia na contextura das suas obras. Mas o afastamento da sociedade, se não lhe consentiu muitas vezes apreciar com exacção as paixões e o caracter dos homens, não foi obstaculo a que adquirisse o profundo conhecimento philosophico do coração humano, que nos revela a *Theoria dos sentimentos moraes*.

A modestia, essa qualidade só desapreciada pelos sofregos de louvor e de gloria, era a coroa sublime que realçava o seu peregrino talento.

Prodigo de elogios para com os outros, como que desconhecia o seu verdadeiro merecimento, e mal adivinhava o grande nome que haviam de conquistar-lhe as suas obras.

N'uma palavra, a vida de Adão Smith deixa-nos na alma a convicção intima da integridade do caracter do homem que legou á posteridade as solidas bases de uma das sciencias que mais tem contribuido e ha de contribuir para o progresso da civilisação.

Já alguem notou que, em geral, os que se dão a um estudo profundo e consciencioso da economia politica são cidadãos irreprehensiveis, amigos devotados e sinceros da liberdade. Não invalidam, antes confirmam os factos, similhante asserção. E se é certo que a sciencia economica tem memorado nos seus annaes, em tão pouco tempo, os nomes de muitos homens illustres, cuja vida se não encontra polluida por nenhuma d'essas acções que emmurchessem as mais virentes coroas conquistadas pelo talento, grande gloria pertence áquelle que assentou os fundamentos de uma sciencia que tão bem se allia com a moralidade e com a virtude.

E é d'este intimo laço entre a economia politica e a moral que tem provindo, em que peze aos seus poucos adversarios, as grandes conquistas e o rapido derramamento dos seus salutares principios.

Depois de se haver estudado a vida de Adão Smith, e admirado quasi tanto a sua intelligencia como a pureza do seu caracter, se passâmos pela memoria os nomes respeitaveis de homens como João Baptista Say, a quem a economia politica mais deve talvez depois do seu fundador, Bastiat, Turgot, Quesnay, Sismondi, Rossi e muitos outros, comprehendemos, em verdade, que está reservado grande futuro para a sciencia que tem encontrado, para nobilital-a e propagal-a, tantos e tão dignos adeptos.

E se nos lembrarmos de que a fonte perenne de todos os beneficios que a economia politica ha feito e continuará a fazer á humanidade foi o livro do economista escocez de que esboçámos a biographia, poderemos, como um allemão no tempo do primeiro imperio, affirmar que Adão Smith foi mais poderoso do que Napoleão. Teve este quasi o imperio do mundo, mas a sua gloria foi desfallecer entre os rochedos do Oceano, e o seu nome passou á posteridade maculado com o sangue de milhares de victimas; o modesto professor de Glasgow não possuiu talvez mais de que alguns palmos de terra na sua aldeia natal, mas o seu nome é ha mais de um seculo invocado por todos os homens que põem em mira a felicidade dos povos e o bom governo das nações. O nome de Napoleão abrilhantará durante muito tempo ainda as paginas da historia; mas o nome de Adão Smith guiará e inspirará sempre todos os que de coração se empenham na solução dos importantes problemas sociaes que se prendem com a economia politica.

TITO DE CARVALHO.

[1] Era proposito nosso completar a biographia de Adão Smith com um estudo ácerca da *Theoria dos sentimentos moraes* e da *Riqueza das nações*. Não o permitte, porém (sem notavel prejuizo dos leitores, por certo), a falta de espaço, consequencia de estar chegado o termo do actual volume. Os que porventura desejarem mais cabal informação ácerca da vida e das obras do grande economista escocez, consultarão com proveito, entre outras, as seguintes biographias: a que precede a edição de Londres dos *Ensaios philosophicos*, por Dugald Steward; a de Blanqui, na edição da *Riqueza das nações* que faz parte da *Collecção dos principaes economistas*; a *Philosophia escoceza* de Victor Cousin; um estudo do sr. Gustave du Puynode, no *Jornal dos economistas*, t. XLV, XLVI e XLVII, e outro do sr. Leonce de Lavergne, na *Revista dos dois mundos*, 1859, t. XXIV.

RETRATO SUPPOSTO DE JOÃO DAS REGRAS

O retrato que representa a gravura foi extrahido de uma photographia de outro, pertencente á bibliotheca publica de Evora, onde erradamente se tem attribuido a João das Regras. N'uma relação de quadros contemporanea da fundação d'este estabelecimento, e n'outra posterior, assim o designaram.

O retrato é pintado a oleo em téla, e tem $1^m,75$ de alto e $1^m,09$ de largo. Figura em corpo inteiro, e no tamanho natural, um cavalleiro da ordem de Christo, cuja cruz lhe pende de uma fita preta ao peito. Está todo vestido de preto. Chega-lhe até quasi aos pés uma beca, por cujas aberturas lateraes passam os braços cobertos com as mangas do pellote ou veste interior, franzidas em cima junto dos hombros. Do lado esquerdo apparece, por fóra da abertura correspondente da beca, a ponta de uma cruz vermelha de Christo, posta sobre o peito, conforme usavam os cavalleiros da ordem. Os sapatos, meias e calções são tambem negros. Só o collar de folhos e as voltas ou punhos das mangas são brancos.

Na fronte espaçosa, e em todas as feições, o rosto denota intelligencia e energia. Os cabellos curtos, as sobrancelhas, o bigode e a pera grisalhos, parecem indicar a edade de cincoenta a sessenta annos.

A mão esquerda está sobre o peito com a cruz que pende da fita entre os dedos; a direita apoia-se n'uma mesa coberta de damasco vermelho com franjas e alamares doirados, em cima da qual se vê um livro com fechos amarellos, encadernado em taboa.

D'esta descripção e da propria gravura se deduz claramente a impossibilidade de representar o retrato o dr. João das Regras, a quem é provavel que fosse attribuido pela pessoa que o vendeu ou offereceu a D.

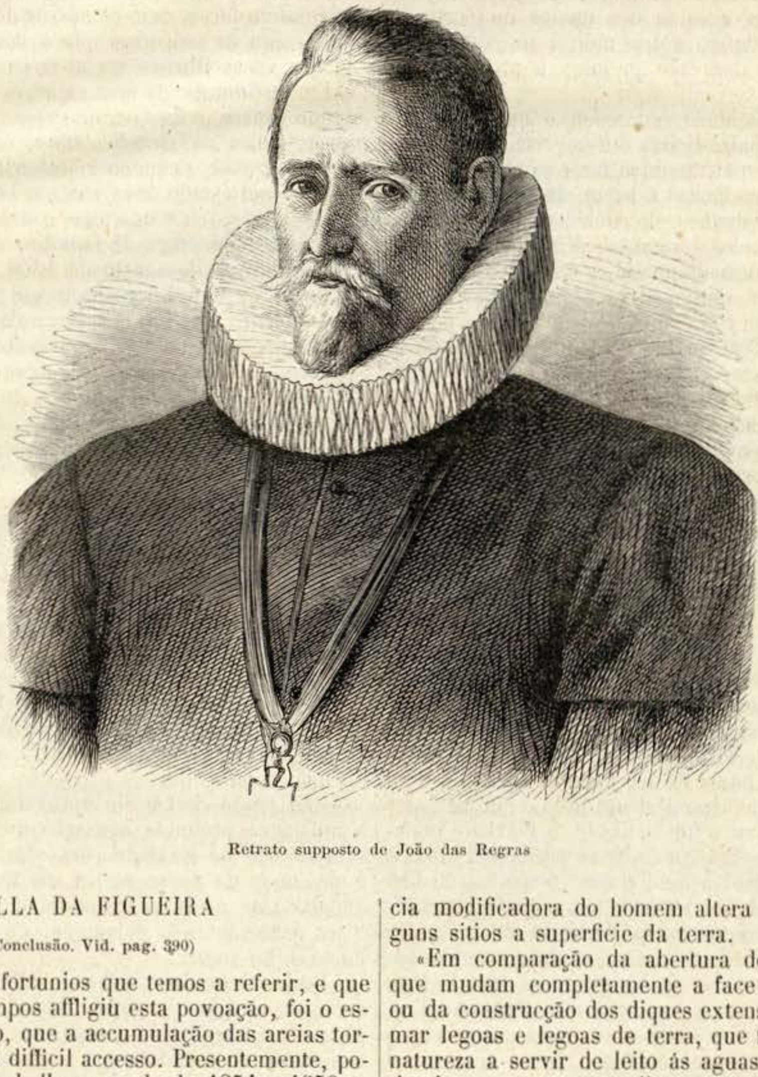
Fr. Manuel do Cenaculo, a fim de que o estimasse em mais alto preço. O cabello, a barba, o trajo, e mais em particular a volta ou collar de folhos, indicam epocha muito posterior á de D. João I. Todos esses signaes caracterisam melhor um cavalleiro dos fins do seculo XVI ou dos principios do seculo XVII, em que julgâmos ter vivido o original incognito do retrato.

É certo que alguns dos nossos pintores commetteram graves anachronismos, pintando muitas vezes com os trajos que elles proprios usavam, ou viam usar, personagens de remotas eras. Todavia, não parece crivel que o anachronismo fosse tal que chegasse a comprehender as barbas e os cabellos. Por outra parte, não vemos razão plausivel para que, sendo conhecidas as armas de João das Regras, que no seu tumulo estão esculpidas [1], o pintor as desprezasse, e distinguisse o retrato com uma simples cruz de Christo. Sabe-se que o chanceller foi cavalleiro; ignora-se, porém, de que ordem. Se as suas armas não foram herdadas, deve ter pertencido á cavallaria de Aviz, por se encontrar no escudo a cruz floreteada.

A estatua do tumulo differe muito do retrato, pois tem roupas largas, como toga, barrete doutoral na cabeça, e ao lado o estoque, insignia de cavalleiro.

Na bibliotheca de Evora não ha noticia nenhuma d'este retrato, além das designações a que alludimos. Assim, será difficil, se não impossivel, descobrir-lhe o verdadeiro original.

A. Filippe Simões.



Retrato supposto de João das Regras

VILLA DA FIGUEIRA

(Conclusão. Vid. pag. 390)

O ultimo dos infortunios que temos a referir, e que n'estes ultimos tempos affligiu esta povoação, foi o estrago do seu porto, que a accumulação das areias tornou perigoso e de difficil accesso. Presentemente, porém, graças aos trabalhos que desde 1854 a 1859 se levaram a effeito, sob a intelligente direcção do sr. Francisco Maria Pereira da Silva, tenente da armada e engenheiro hydrographico, a barra da Figueira acha-se notavelmente melhorada, podendo já as embarcações entral-a com mais facilidade e segurança.

Para que os nossos leitores possam formar idéa da importancia dos trabalhos effectuados para o melhoramento da barra, transcreveremos o que, com referencia a este objecto, se lê nas *Cartas da beira-mar*, interessantissimo livro ha pouco publicado pelo sr. Augusto Filippe Simões, distincto collaborador d'este semanario:

«Na barra da Figueira, onde as aguas do Mondego se ajuntam com as do Oceano, vê-se como a influencia modificadora do homem altera e transforma n'alguns sitios a superficie da terra.

«Em comparação da abertura dos grandes canaes que mudam completamente a face de todo um paiz; ou da construcção dos diques extensos que roubam ao mar legoas e legoas de terra, que fôra destinada pela natureza a servir de leito ás aguas; ou das emprezas titanicas para aterrar valles e arrasar montes — remover a corrente caudalosa da foz de um rio para alguns centenares de metros de distancia parece pouco; todavia é muito, muitissimo em relação a Portugal, onde não ha, como n'outras nações, essas grandes obras de arte em que o homem, arcando braço a braço com as forças naturaes, as subjuga e vence.

«A villa da Figueira jaz na margem direita do Mondego, banhada em grande parte pelas aguas do rio. Para o lado do mar vão-se as casas desviando da margem, onde é a praia da Fonte e era d'antes a do Forte, a qual começava junto da primeira e acabava á entrada da barra, no sitio em que está o forte de Santa Catharina. Esta praia desappareceu quasi completa-

1 Vid. pag. 90 e 120 do vol. VI.

mente sob as estradas, aterros e construcções diversas que alli se fizeram depois do anno de 1857. Era um longo areial, onde se levantavam por diversas partes, e especialmente á borda do mar, e proximo do forte, asperos e enormes rochedos. Defronte saía á flor da agua, mais ou menos extenso, conforme as marés, o grande banco de areia denominado Cabedello. Mas com o andar dos tempos vieram a juntar-se as areias para o lado do forte, de tal modo que as rochas, que antecedentemente serviam de orla á praia, ficaram mui distantes da margem; e a barra, que passava ao longo d'ellas, desviou-se para o sul, invadindo pouco e pouco o sitio do antigo Cabedello, onde chegou a estar meia legoa distante do leito primitivo. Em razão d'esta nova direcção, que fazia com que, quebrada a força da corrente fluvial, se augmentasse cada vez mais o deposito das areias, tornou-se difficil, e muitas vezes impossivel, a entrada e saída dos navios no porto da Figueira, o que, dando golpe mortal no commercio da villa, causava immenso prejuizo á provincia da Beira.

«Por grande felicidade, succedeu o que raro succede em o nosso paiz. Houve um governo que, attendendo a tão grave mal, mandou fazer as obras de arte necessarias para melhorar a barra. Depois de alguns annos de longos trabalhos, de consideraveis despezas, conseguiu-se, vencidas immensas difficuldades, tapar a barra de novo formada ao sul, e obrigar as aguas a seguir ao norte seu antigo curso. Mas, para se conseguir tão importante fim, alevantou-se do lado do sul um paredão de 1:200 metros de comprimento, assentado em funda estacaria; destruiram-se muitas das rochas da praia do Forte, para as converter em cal ou transformar em muralha; cobriu-se esta praia de elevados aterros, defendidos do mar por grossos muros; e abriu-se accessoriamente uma bella estrada, que, partindo do centro da villa pela orla externa da praia da Fonte, segue por onde era d'antes a praia do Forte e vae terminar na dos banhos.

«Destinava-se para a abertura da nova barra o dia 25 de outubro de 1859, em que, por serem maiores as marés, havia mais probabilidade de bom exito. Preparava-se tudo para essa grande tentativa, e os operarios convergiam para o sul a tapar a unica saída que tinham as aguas do rio para o Oceano, trabalho indispensavel a fim de as obrigar a buscar ao norte o antigo caminho. No dia 22, porém, tres dias antes d'aquelle em que havia de ter logar a abertura, uma grande cheia do Mondego destruiu tudo o que na parte do sul se fizera com o fim indicado. A corrente impetuosa arrastou a pedra com que se pretendeu tapar a abertura do paredão, a qual tinha 20 metros de largura, e escavou de tal modo o leito, que mais difficultava ainda qualquer nova tentativa de reclusão. Como progredisse a escavação do fundo, atalhou-se-lhe por meio de saccos cheios de areia, que tinham o peso de 100 kilogrammas cada um. Por cima d'estes saccos lançaram-se caixões enormes com a capacidade de 6 a 8 metros cubicos, cheios de pedra e argamassa hydraulica. Por este meio, tão simples como engenhoso, tapou-se a quebrada que accidentalmente se formára no paredão, e no dia aprasado as aguas correram na barra nova com a velocidade de 5 a 6 milhas por hora. Os habitantes da Figueira, e os de muitas povoações proximas, festejaram, cheios de jubilo, o acontecimento que lhes assegurava a futura prosperidade, e prevenia ao mesmo tempo os grandes males de que pareciam ameaçados com o desvio progressivo da barra para o sul, d'onde inevitavelmente resultaria a destruição de algumas povoações e de muitas marinhas importantes.»

Nas praias do concelho da Figueira desembarcaram desde 2 a 5 de agosto de 1808 as tropas inglezas, em numero de 13:000 homens, que, sob o commando de sir Arthur Wellesley, depois duque de Wellington, vieram auxiliar a insurreição de Portugal para expulsar os francezes. As consequencias proximas d'estes factos foram as victorias da Roliça e do Vimeiro, e, finalmente, a capitulação de Cintra [1].

Logo que constou em Coimbra a chegada dos inglezes, resolveram os principaes commerciantes d'esta cidade enviar um refresco ás tropas alliadas, o qual foi acompanhado da seguinte carta:

«Exmo sr. general em chefe das tropas de S. M. B.

«Senhor: Apesar do esgotamento universal, a que nos reduziram as rapinas dos nossos *barbaros hospedes*, ainda nos resta o sentimento da gratidão: as nações *ingleza* e *portugueza*, no meio de todas as diversas crises politicas, foram sempre leaes e sempre amigas; porém na presente occasião, em que luctavamos com grande valor, mas mal armados, contra um inimigo feroz, nem os nossos desejos podiam voar tanto como os soccorros que o vosso grande monarcha e a vossa illustre nação nos enviam.

«Em testimunho da nossa sincera amizade, do nosso summo prazer, e do vivo interesse que tomâmos pelas prosperidades da *Grã-Bretanha*, nos afoitâmos a remetter-vos esse pequeno refresco, correspondente ao nosso actual estado, mas não aos nossos desejos. Confiâmos que v. ex.ª desculpe o arrojo que tomam os negociantes da praça de Coimbra abaixo assignados.

«Coimbra, 3 de agosto de 1808.

«De v. ex.ª muito respectuosos e obedientes criados — *Costa, Almeida, Freitas e Companhia* = *André Alves Leite* = *Marcos José Gonçalves e Companhia* = *Joaquim Freire de Macedo e Irmão* = *João Fernandes Guimarães e Companhia* = *Antonio José de Barros* = *Manuel José Rodrigues e Irmão* = *Francisco Antonio de Macedo* = *João Ferreira Maia* = *José Rodrigues de Macedo e Filhos* = *João Lopes de Sousa e Companhia* = *Francisco Pereira* = *José Antonio Ferreira de Castro* = *José Maria da Encarnação* = *Francisco José Ferreira Guimarães* = *Manuel Fernandes Guimarães e Companhia* = *José Dias de Miranda e Companhia*.»

Sir Arthur Wellesley respondeu aos negociantes de Coimbra por esta fórma:

«Lavos, 6 de agosto de 1808.

«Meus senhores: Tive a honra de receber a vossa carta, participando-me a offerta de um presente de varios refrescos para uso da tropa que está debaixo do meu commando.

«Não posso deixar de aproveitar esta occasião de significar a profunda sensação que me causaram os sentimentos de lealdade para com o vosso soberano, e de amor da vossa patria, os quaes vos tem feito adoptar este meio de testimunhar a vossa satisfação, leaes negociantes da cidade de *Coimbra*, pela chegada do exercito *inglez*.

«Estou certo de que este, pelo seu procedimento, merecerá sempre a vossa estima, e que com o seu soccorro a *nação portugueza* cedo poderá restabelecer o governo do seu antigo e respeitavel soberano.

«Tenho a honra de ser, meus senhores, vosso muito obediente, fiel e humilde criado — *Arthur Wellesley* [2].»

A Figueira conta entre seus filhos distinctos ao desembargador Manuel Fernandes Thomaz, um dos fundadores do synedrio, ou associação politica, que preparou, dirigiu e consummou a revolução de 24 de agosto de 1820; membro da junta provisoria do supremo governo do reino; e deputado ás cortes constituintes congregadas em 1821, em cujos trabalhos teve parte muito activa e conspicua [3].

AUGUSTO MENDES SIMÕES DE CASTRO.

1 Vid. *Memoria historico-chorographica*, pelo sr. conselheiro Antonio Luiz de Sousa Henriques Secco.

2 Vid. *Minerva lusitana*, e *Apontamentos para a historia contemporanea*, pelo sr. Joaquim Martins de Carvalho.

3 Vid. *Diccionario bibliographico*.

LUCIUS ANDRÊAS RESENDIUS

A pag. 64 do tomo VIII do *Diccionario bibliographico portuguez*, trata o seu illustre auctor novamente a questão, já aventada no tomo I da mesma obra, pag. 65 — se o nosso distincto antiquario André de Rezende usava do prenome *Lucio*, ou se aquelle *L* anteposto ao seu nome nas obras que escreveu em latim deve interpretar-se, não *Lucius*, mas *Licenceatus*.

A este proposito offerece-se-me dizer o seguinte:

Ha pouco tempo comprei por 6$000 réis na loja de livros da Viuva Moré, no Porto, a obra de mestre Rezende *De Antiquitatibus Lusitaniæ*, da edição de 1593. O seu frontispicio é como se segue: *Libri quatuor de antiquitatibus Lusitaniæ a Lucio* (sic) *Andrea Resendio olim inchoati et a Jacobo Menœtio Vasconcello recogniti, atque absoluti etc. Excudebat Martinus Burgensis academiæ typographus. Eboræ anno* 1593.

Na folha 15.ª lê-se uma poesia latina, cujo titulo é: *Carmina Jacobi Menœtii Vasconcelli in laudem Lucii* (sic) *Andreæ Resendii*, etc.

Á vista d'isto creio que a questão fica decidida, muito principalmente não sendo o testamento attribuido ao nosso antiquario (e em que elle mandava gravar na sua sepultura um *L* com a significação de *Licenceatus*) um documento de authenticidade indisputavel.

D. Miguel Sotto Mayor.

O ENSINO GRATUITO E OBRIGATORIO

Em setembro de 1862 reuniu-se em Bruxellas a associação internacional para o progresso das sciencias sociaes, figurando nas suas assembléas muitos homens conspicuos de França, Inglaterra, Italia, Allemanha, Hespanha, Portugal, etc. A associação dividiu-se em secções, e a cada uma coube o encargo de discutir as theses em conformidade do programma então publicado nas folhas européas. Victor Hugo foi convidado para a secção que devia tratar da instrucção publica, mas não póde comparecer. O illustre desterrado de Jersey, desculpando-se em uma carta endereçada aos seus collegas da associação internacional, quiz dar voto onde podia ser chamado a dal-o, porque lh'o exigiam as suas convicções, os seus sentimentos, o seu amor da humanidade, do progresso e da luz — o ensino gratuito e obrigatorio. Queremos ainda deixar n'estas paginas dois paragraphos da notavel carta de Victor Hugo, por ser um brado auctorisado em prol do desenvolvimento das escholas e da instrucção. O grande mestre dizia, pois:

«Sente-se o presente, mas o presente é ephemero. Voltemos os olhos para o dia seguinte, que pertence á civilisação; preparemol-a. A criança é a questão suprema. A criança tem no berço a paz ou a guerra do futuro. No berço é que é mister dissipar as trevas. Façamos raiar a aurora na alma da criança. Vinte e cinco annos de ensino gratuito e obrigatorio mudariam a face do mundo.

«A criança é o futuro. Este sulco é generoso: dá mais que a espiga para o grão de trigo. Lançae-lhe a faisca, e tereis uma pavêa incendiada.

«Para fazer um cidadão, principiemos por educar um homem. Abramos escholas por todas as partes. Não é homem o que não tem a luz intima que a instrucção dá; é uma cabeça do grande rebanho, sem acção, que o dono guia, ora para a pastagem, ora para o matadoiro. O que resiste á escravidão na creatura humana não é a materia, é a intelligencia. Começa a liberdade onde acaba a ignorancia.

«...Os concilios da intelligencia, convocados de vez em quando, são efficazes... Chegou o momento de nos prepararmos para os receber, e de soltar o grito de álerta dos antigos romanos: *Ad portas!*»

Brito Aranha.

AOS NOSSOS ASSIGNANTES

Concluindo hoje o vol. XI do Archivo Pittoresco, a empreza dá tambem por finda a publicação d'este semanario.

A causa unica que determinou similhante resolução foi o grande debito em que a Sociedade Madrépora do Rio de Janeiro está para com esta empreza. Este alcance teve origem nas assignaturas e volumes do Archivo Pittoresco, e outras obras que a Sociedade Madrépora constantemente requisitou e mandou distribuir, augmentado depois com despezas que a empreza do Archivo não duvidou pagar por conta e credito da mesma Sociedade.

Dispostos a luctar com a serie de obstaculos que em Portugal difficultam sempre este genero de publicações, não terminaria, de certo, no fim de onze annos, o unico jornal illustrado que ainda se imprimia, se não fôra a injustiça e pouca lealdade com que alguns dos portuguezes que constituem a Sociedade Madrépora se portaram para com esta empreza.

Sobe a mais de sete contos de réis fortes o que a Sociedade Madrépora deve á empreza do Archivo Pittoresco, proveniente de grande numero de volumes do Archivo que por sua ordem foram annualmente distribuidos pelas escholas do reino, e de outros donativos e despezas que, por via da mesma empreza, a Sociedade Madrépora mandou fazer em Portugal, para o monumento a Camões, e Sociedade Promotora das Bellas Artes; dos retratos, em pintura a oleo, del-rei o sr. D. Pedro V para a eschola de Mafra, e do sr. Alexandre Herculano para o Gabinete Portuguez de Leitura no Rio de Janeiro; da impressão de dois mil volumes das obras da sr.ª D. Maria Peregrina de Sousa, dos quaes a Sociedade recebeu mil exemplares, e mandou entregar á mesma senhora os restantes mil, etc., etc.; o que tudo consta da exposição impressa com as contas correntes que a empreza enviou em 1866 particularmente a cada um dos socios da Sociedade Madrépora.

Esperando de anno para anno ver resolvida tão desgraçada pendencia, e porque do coração nos doia pôr termo ao Archivo Pittoresco, adiámos successivamente até hoje a resolução definitiva que ora tomâmos. D'este adiamento só colhemos maior numero de encargos e sacrificios inuteis, e o augmento da divida em quanto deixámos a agencia do Archivo no Rio de Janeiro a cargo da Sociedade Madrépora.

Esta serie de circumstancias impossibilita-nos, com bem pezar nosso, de continuar com o Archivo Pittoresco, mantendo-o na altura em que seriamos obrigados a sustental-o, para que elle podesse acompanhar todos os melhoramentos indispensaveis a publicações d'esta ordem, collocando-o ao par dos bons semanarios estrangeiros de natureza identica.

A empreza agradece a todas as pessoas que se interessaram pela publicação do Archivo Pittoresco, e especialmente aos srs. assignantes, aos seus redactores e collaboradores, e á imprensa periodica, os testimunhos de estima e benevolencia com que sempre a honraram.

Os Editores.

INDICE

(Os asteriscos antes da indicação das paginas designam gravuras)

Lisboa — Typographia de Castro Irmão — Rua da Cruz de Pau, 31